

ARTÍCULO ORIGINAL

Territórios rurais sub-integrados na economia agrária globalizada: o povoado Curral da Igreja, Arari, Maranhão - Brasil

Rural territories sub-integrated in the globalized agrarian economy: the Curral da Igreja Village, Arari, Maranhão - Brasil

Willian Carboni Viana¹

RESUMO

Os estudos das adaptações humanas aos ambientes considerados naturais, dos estilos de vida diferenciados, modos econômicos e manifestações culturais locais são essenciais para a compreensão de territórios, muito especialmente aqueles que não estão inseridos, ou apenas sub-integrados, no sistema econômico agrário globalizado. No caso, aborda-se a localidade rural Curral da Igreja, em Arari (Maranhão, Brasil), dando conta de aspectos da geografia interna do povoado, a destacar os modos de vida dos moradores, suas representações simbólicas, práticas agrícolas, extrativistas, e a utilização do rio Mearim como extensão territorial. Para isso, se utilizaram dos instrumentos da Etnogeografia, como suporte metodológico. De modo a refletir acerca da (re) produção do território em Curral da Igreja, e sobre a violência simbólica que a comunidade sofre todos os dias (através da dominação social). Relacionando os mundos local e global, a propósito de evidenciar a importância da geograficidade da globalização na produção de desigualdades, em particular no meio agrário.

Palavras-chave: território, globalização, espaço agrário, etnogeografia, povoados Arari (Maranhão- Brasil).

ABSTRACT

The study of human adaptations to environments considered natural, differentiated life styles, economical modes and local cultural manifestations is essential for the understanding of territories, especially those that are not inserted, or only sub-integrated, into the global agrarian economy system. In this case, we focus our attention on the rural village of Curral da Igreja, Arari municipality (Maranhão, Brazil), looking at aspects as the village internal geography, highlighting its inhabitant's lifestyle and their symbolic representations, agricultural practices and use of the Mearim river as an extension of their territory. Therefore, the

1. Universidad de Porto, Portugal.

Correspondencia: Willian Carboni Viana. E-mail: willian.arqueologia@gmail.com

Recibido: 10/01/2018. Aceptado: 17/08/2018.

DOI: 10.26885/rcei.7.1.69

instruments of Ethnogeography were used as methodological support. Reflecting on the (re) production of the territory in Curral da Igreja, and the symbolic violence that the community is faced on a day-to-day basis (through social domination). In order to highlight the importance of the geography of economic globalization in the production of inequalities.

Keywords: territory, globalization, agrarian space, ethnogeography, rural villages from Arari (Maranhão, Brazil).

1. INTRODUÇÃO

O rio Mearim, navegável em cerca de 700 km de sua extensão, teve importante papel no desenvolvimento regional do Maranhão (estado do Nordeste do Brasil), desde o período da colonização (Pires & Pereira, 1985; Batalha, 2002; Canedo, 2008).

Em suas margens estão instalados inúmeros povoados¹, como resultado do processo histórico de ocupação, sendo um dos elementos estruturantes da formação agrária do estado, que também foi condicionada por aspectos políticos (desde a posse portuguesa), componentes sociais, econômicos (Canedo, 2008), compartimentos ambientais e conflitos de diversas ordens (verticais e horizontais).

Numa região assinalada por latifundiários oligarcas locais, concentração de terras e exploração humana. Cujas disparidades, do acúmulo de capital e de terras nas mãos de poucos proprietários, se deu ao longo do processo estadual de expansão agrícola, acentuando-se, sobretudo, a partir de meados do século XX, com o avanço da industrialização e do modo capitalista sobre o meio rural.

Deste modo, nos povoados da microrregião da Baixada Maranhense² (subdivisão geográfica do Maranhão), geralmente se sobrevive com recurso a técnicas rudimentares de plantio, dependentes da sazonalidade ambiental (período chuva-estiagem), do rio, do extrativismo e dos demais recursos mobilizáveis para sobrevivência, com a maioria das pessoas sem renda fixa (IBGE, 2010).

Grande parte dessas comunidades³, em condições de vida sub-humanas.

1 Entende-se povoado como uma localidade com característica de aglomerado rural que possua, em seu território, pelo menos um estabelecimento comercial e dois de serviços ou equipamentos (escola, centro de saúde, templo religioso, etc.); sem caráter privado ou empresarial, ou que não esteja vinculado a um único proprietário, cujos moradores exerçam atividades econômicas quer primárias, secundárias ou terciárias, dentro ou fora da localidade (definição do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) (IBGE, 2010).

2 A Baixada Maranhense é uma divisão geográfica do estado do Maranhão, localizada em volta do Golfo Maranhense. Caracteriza-se por relevo plano à suave ondulado, levemente abaciado em direção ao oceano, a formar extensas planícies alagáveis no período chuvoso (janeiro-junho) (configurando as condicionantes ambientais). Essa microrregião reúne 21 municípios numa área de pouco mais de 20.000 km² (Atlas do Maranhão, 2002), com 55,75% da população a viver em zona rural (IBGE, 2010).

3 O termo comunidade é utilizado, no presente escrito, para se definir um grupo humano que habita uma localidade com território delimitado, em que as pessoas interagem entre si de modo a permitir a sustentação de instituições coletivas, tais como o criadouro comunitário, dentre outras (Hauresko & Ferreira, 2012).

Territórios rurais sub-integrados na economia agrária globalizada. Carboni Viana

Inseridas numa zona em que a desigualdade e a pobreza são evidentes, o que é geralmente relacionado com má gestão pública e, no caso, concentração de terra e capital em poucas famílias.

Dado o contexto, o presente escrito trata de um estudo Etnogeográfico realizado no povoado Curral da Igreja⁴, situado à margem direita do rio Mearim, em Arari (Maranhão, Brasil). Na pesquisa, se buscou uma aproximação com a abordagem qualitativa, cuja Etnogeografia⁵ se trata, então, da utilização de instrumentos etnográficos aplicados à Geografia (Souza, 2013).

Pelo que foram analisados, no povoado Curral da Igreja, elementos que constituem a geografia interna da comunidade, a destacar a estrutura, os modos de vida dos moradores, suas representações simbólicas, práticas agrícolas e extrativistas, e a utilização do rio Mearim como extensão de seu território. A propósito da importância da geograficidade da globalização econômica na criação de desigualdade.

Pois, estudar adaptações humanas aos ambientes considerados naturais, os estilos de vida diferenciados, modos econômicos e manifestações culturais locais pode ser substancial para a compreensão de alguns territórios, em especial aqueles sub-integrados, ou resistentes ao sistema global- que não parece promover equilíbrio na humanidade.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

2.1. O MUNDO GLOBAL E OS MUNDOS LOCAIS

A globalização pode ser tratada como as transformações político-econômicas, ocasionadas pelo desenvolvimento técnico-científico, que interliga o globo terrestre. Alavancada também pela redução dos custos nos meios de transporte e na comunicação entre países.

O processo de globalização ainda carrega atributos associados à época dos descobrimentos, quando teve início a mundialização⁶ por meio da expansão

4 Os trabalhos de campo nessa pesquisa ocorreram entre março e setembro de 2017.

5 Ver os estudos de Santos (2008), Souza (2013) e Silva e Leite (2018), que utilizaram a Etnogeografia como suporte metodológico. Nos estudos, acima especificados, buscou-se na Etnografia instrumentos que possibilitassem adentrar nas dimensões sociais e geográficas das comunidades, uma vez que a Etnografia engloba descrição de fatos (Copans, 1999), mas também a interpretação das relações e interações num corpo social, tendo o trabalho de campo como elemento constitutivo. Por Etnogeografia, grosso modo, se entende o emprego de instrumentos Etnográficos em estudos da ciência geográfica (Souza, 2013). Portanto, a Etnogeografia não remete para uma estrutura, ou corpus disciplinar específico, assente num campo teórico e objeto científico bem delimitado, mas sim, essencialmente, para uma metodologia ou procedimento empírico com larga tradição também em trabalhos de Geografia Humana e Social.

6 A noção de mundialização da economia e dos mercados deve ser diferenciada da concepção de globalização. A globalização é um processo mais recente, relacionado a conglomerados financeiros, neoliberalismo e poder de regulação, enquanto que a mundialização encontra sua gênese no século XVI e acentua-se com a especialização produtiva decorrida na segunda metade do século XIX, sobretudo, com a revolução dos transportes e a infiltração do capital financeiro

Europeia no século XVI, porém potencializado pelas revoluções industriais, pela consolidação do sistema capitalista, pelos avanços tecnológicos e pelo deslocamento comercial (Rio Fernandes, Trigal & Sposito, 2016). Cujo seu encadeamento está pautado nos avanços da hiperconectividade, na inteligência artificial e nos sistemas de informação, como também na customização em massa visando o lucro.

O termo globalização (*globalization*) foi utilizado em 1983 por Theodore Levitt se referindo à uniformização dos mercados, o que seria resultante das estratégias empregadas por grandes empresas globais, vendendo produtos similares, fabricados e promovidos de maneira padronizada (Méndez, 2004 *apud* Rio Fernandes, Trigal & Sposito, 2016).

É importante dizer que a expressão foi bem difundida na década de 1980 nas grandes escolas norte-americanas de administração de empresas (*em Harvard, Stanford, Columbia*), vulgarizado em artigos de marketing e na imprensa econômica e financeira em inglês, sendo incorporado rapidamente ao discurso político neoliberal (Chesnais, 1994 *apud* Oliveira, 2012), ainda que o conceito- e não o termo- remonte a pensadores muito anteriores, como, por exemplo, Karl Marx (Dicken, 2001 *apud* Rio Fernandes, Trigal & Sposito, 2016)

Na contemporaneidade, a globalização requer estudos de grande complexidade, a considerar seus efeitos. Por um lado, se podem destacar *benefícios* como, por exemplo, a facilitação de entrada e saída de produtos, com transações comerciais feitas, em minutos, para quase qualquer parte do globo e atração/captação de capital estrangeiro.

Por outro, a globalização *prende* a população mundial numa *teia global*, num mundo cada vez mais líquido (Bauman, 2000), enfraquecendo o conceito de fronteira e modificando costumes que, em alguns casos, persistiam por épocas. Orienta países para o global, abrandando de certo modo a atuação do Estado-Nação a favor do livre mercado.

Neste processo, quando o Estado é fraco e há intensa liberdade de circulação de bens e ativos financeiros, ocorre concentração de poder e capital nas mãos dos mais poderosos, ao mesmo tempo em que grandes porções do território podem ser relegadas à exclusão (Santos, Sousa & Silveira, 1999).

Na agricultura, a globalização tem atuado no sentido da mecanização do campo e de elevação da potência de produção, no cultivo agrícola voltado para a produção em *commodities*, monopólios mundiais e bolsas de mercadoria e de futuro. Embora se deva reconhecer a proteção de produtos únicos (ex.: carne de Angus da Escócia, periferia da Europa), há que admitir certa tendência mundial em *territorializar monopólios e monopolizar territórios* (Panta, 2015).

De forma cada vez mais evidente, a globalização econômica assume atributos de um capitalismo neoliberal no final do século XX e XXI, agregando capital e originando empresas globais, num processo crescente de transformações iniciado por Reagan e Thatcher, com apoio da *escola de Chicago*.

(quando visto a partir do Ocidente).

Territórios rurais sub-integrados na economia agrária globalizada. Carboni Viana

A forma estadunidense imperou no processo histórico como agente ativo, por muito tempo singular em termos militares e econômicos, o que *impôs* o modelo capitalista, culminando em multinacionais que (re) organizaram as estruturas internas e as relações de trabalho (Oliveira, 2012).

Embora que globalização indique, no senso comum, uma imagem do planeta uniformizado no que se referem a políticas, economias e culturas, seria impraticável uma homogeneização cultural (Fróis, 2004). Se por um lado aponta-se a globalização como um processo que impera na contemporaneidade, por outro há também a ênfase de que a *fragmentação* melhor define a atualidade (Haesbaert & Limonad, 2007).

Muito porque a globalização, promovendo a difusão de bens, imagens e valores à escala do planeta (e, sobretudo, a partir de algumas cidades), fomenta a diferenciação ou mesmo a resistência por autonomia em determinados espaços, contribuindo assim para a emergência ou reforço de manifestações que valorizam a identidade de âmbito local ou regional (Haesbaert, 2010).

A extrapolação da cidade para o campo aproximou o meio rural ao que antes era acessível apenas às pessoas que habitavam a urbe (eletricidade, televisão, etc.) (Lefévre, 1972) e, em muitos contextos (na Europa Central, designadamente), a um hibridismo entre as condições de urbano e rural que esbatem fronteiras e questionam os conceitos.

Ainda assim, a vida no meio rural, em algumas circunstâncias, permanece associada à simplicidade, ao trabalho com a terra, à tranquilidade e contato com o *natural*, muitas vezes mitificado (Marques, 2008). Desse modo, o rural que antes era visto em vias de extinção (Abramovay, 1998), hoje pode ser considerado como resistente e à margem do capitalismo predatório, quando visto desde o Nordeste do Brasil, no quadro de um processo de globalização, que não sendo de todo um mal, não parece promover o equilíbrio da humanidade.

Por isso, pode-se considerar que a globalização, associada ao neoliberalismo, se levou à diminuição do poder de regulação do Estado, beneficiou alguns territórios e marginalizou outros, incapazes, por diferentes razões, de jogar o novo enquadramento de produção, capital e mobilidade. Em consequência, muitos territórios rurais (e alguns urbanos) tornaram-se vulneráveis e excluídos face ao acúmulo do capital.

2.2. NOTA SOBRE MEIO AGRÁRIO MARANHENSE

Em se tratando de Brasil, a agricultura camponesa manteve seus elementos tradicionais até meados do século XX, quando então, tardiamente face à generalidade dos países do *Norte*, a industrialização e o modo capitalista avançaram sobre o campo, cuja estrutura persistiu marcada pela Lei 601/1850⁷,

⁷ À época, a Lei 601/1850 convencionou a terra como mercadoria de custo elevado, acessível apenas à parcela da população brasileira que possuía poderio financeiro, dificultando, deste modo, a posse da terra por parte de ex-escravos, imigrantes e trabalhadores livres (legitimando a exclusão e a dominação social) (Silva, 2006).

também conhecida como *Lei das Terras*, que protegeu a hierarquia social (Império do Brasil, 1985; Silva, 2006).

A orientação política alavancada pela escolha da teoria da modernização, especialmente a partir de 1960, valorizou a produtividade agrícola e não o meio rural em sua amplitude e diversidade, ignorando a relação da agricultura com os ambientes *naturais*, ainda que na década de 1980 tenha havido certa (re) introdução do *natural* na questão produtiva agrícola, ao apontar que a gestão dos ambientes deveria ser levada em conta (Souza & Brandenburg, 2010).

Para o Maranhão, o processo estadual de expansão agrícola foi circunscrito, então, pelo confronto pela posse de terrenos entre o mecanizado e o tradicional-rudimentar, por conseguinte, a maior parte das terras ficou concentrada nas mãos de poucos proprietários mais poderosos, em contraste à ocupação posseira resistente (Pedrosa, 2003).

Nessa luta, por um lado figuraram latifundiários e dirigentes de grandes empreendimentos agropecuários e/ou de monocultura (representantes da *modernidade*), do outro, principalmente, quilombolas, comunidades extrativistas, povoados rurais e ribeirinhos (Pedrosa, 2003), geralmente, descendentes de nativos, negros e dos colonos europeus mais pobres, grupos historicamente desfavorecidos e dominados socialmente.

Assim, a persistência da pobreza e da desigualdade no campo fez com que parcela significativa da população rural fosse classificada como inviável, de modo a destinar-lhes “*políticas compensatórias e o final da lista de prioridades*” (Guimarães, 2013, p. 27), num quadro de Estado pretensamente forte e promotor de atenuação de desigualdades (que entrou às cegas no projeto da modernidade).

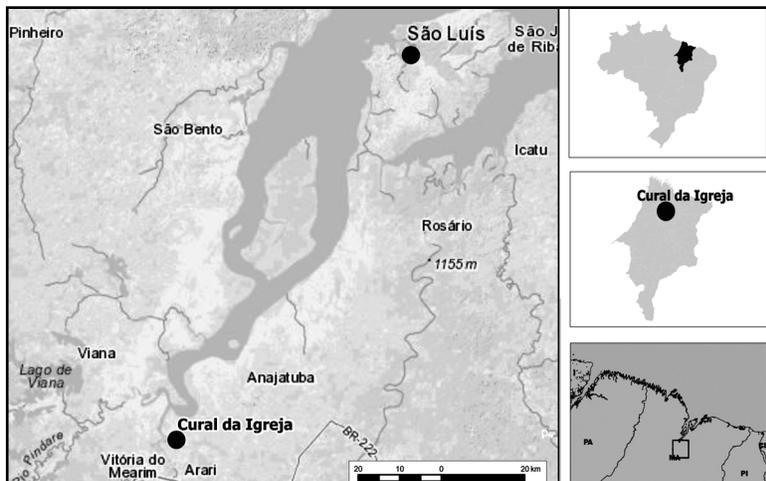


Figura 1. Detalhe da localização do povoado Curral da Igreja, em Arari - Maranhão (Brasil).

Nota. ESRI, 2011 (Sirgas, 2000).

2.3. LOCALIZAÇÃO DO POVOADO RURAL CURRAL DA IGREJA

O município de Arari, a que pertence Curral da Igreja, se localiza na mesoregião Norte do Maranhão, na microrregião da Baixada Maranhense. Distante em 165 km de São Luís (capital do estado), Arari se situa na altura do km 30 da autoestrada BR-222- com a sede municipal às margens do rio Mearim. Limita-se com os municípios de Anajatuba, Cajari, Conceição do Lago Açu, Matões do Norte, Miranda do Norte, Viana e Vitória do Mearim.

Curral da Igreja se encontra na porção Norte de Arari, à margem direita do baixo curso do rio Mearim, sendo acessado por meio de uma estrada desde a sede municipal, ou pelo próprio rio (Figura 1) (coordenada geográfica: Latitude 44.798951 Longitude-3.374999).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. ETNOGEOGRAFIA EM CURRAL DA IGREJA

3.1.1. Origem e estrutura

As origens de Arari remontarão à década de 1720. Quando, então, em 1723 o padre José da Cunha d'Eça, fidalgo real (português) e Capitão-mor da Ribeira do rio Mearim, terá doado meia légua de terras para a construção de uma igreja e um curral, ofertado quatro escravos, instrumentos e utensílios para a manutenção do local, ao passo que intermediou a vinda de gado (Batalha, 2002; Fernandes, 2008; Batalha, 2011; Bezerra, 2014).



Figura 2. Vista parcial da parte de cima do povoado Curral da Igreja.
Nota. Registro feito pelo autor.

Curral da Igreja, que tem seu nascimento vinculado a Arari, possui aproximadamente 50 hectares. Conta atualmente com 39 residências, de um lado e outro da única estrada, num mosaico de casas de alvenaria e de barro (Figura 2). A disposição das casas divide o povoado em duas partes: a parte de cima, a montante do rio Mearim; e a parte de baixo, jusante. Na parte de cima há 33 casas, 26 de alvenaria e 7 de barro. Este trecho também conta com igreja, escola, campo de futebol, um minimercado e um bar (boteco). Na porção de baixo, há apenas 5 casas de alvenaria e uma de barro.

No tocante aos métodos produtivos das casas de barro (Figura 3), geralmente as mais antigas, são empregados materiais disponíveis no ambiente próximo, que tornam viável sua edificação. Utilizam para estruturar, em forma de adobe, solo, água, madeira, folhas de palmeira (pindova e/ou babaçu) e cobrem-nas com telhas cerâmicas. Como as paredes são de barro, é normal utilizarem *cortinas* feitas com folhas de palmáceas, e, em tamanho menor, persianas para as janelas.



Figura 3. Vista parcial de uma das casas de barro de Curral da Igreja.
Nota. Registro feito pelo autor.

As casas de alvenaria, por sua vez, foram construídas a partir dos anos 2000. O reboco nessas casas é feito, geralmente, apenas nas paredes de frente para a estrada, por questões econômicas e estéticas, enquanto as laterais e mesmo a parte de dentro das casas, em geral, não recebem revestimentos. Em alguns casos, apenas a parede da frente recebe pintura.

No interior das casas mais antigas, geralmente, há dois quartos (um para o casal e outro para os filhos), cozinha (para preparar alimentos, almoçar e jantar), sala (para socialização/ recreação entre os membros da família e para receber visitas) e banheiro (para higiene pessoal).

Territórios rurais sub-integrados na economia agrária globalizada. Carboni Viana

Em algumas casas o banheiro é no quintal, usa-se uma *latrina* com pouco mais de 1 m²- distante alguns metros da moradia, para a realização de necessidades fisiológicas; também o banho, nessas casas, é feito do lado de fora, com balde e caneca ou com chuveiro sem eletricidade.

No quintal, comumente, encontram-se paióis para guardar ferramentas e outros utensílios. Também nessa área há canteiros com pimento, cebola em folha e outros temperos alimentícios. As cercas, de arame farpado, assumem um papel muito mais simbólico que de proteção, demarcando território entre uma família e outra.

A escola municipal de Curral da Igreja atende o ensino primário (1º ao 4º ano) e funciona apenas no período vespertino (Figura 4). As duas primeiras séries do ensino fundamental (5º e 6º ano) podem ser completadas no povoado vizinho, Bonfim (distante em 6 quilômetros). As demais séries, e o ensino secundário, devem ser cursados apenas na sede municipal de Arari. Poucos chegam ao ensino secundário por conta das dificuldades encontradas, sobretudo a falta de transporte público e a necessidade de trabalhar precocemente.



Figura 4. Vista da escola do povoado Curral da Igreja.
Nota. Registro feito pelo autor.

A Unidade Básica de Saúde Maria da Conceição Lopes Batalha, que atende as gentes de Curral da Igreja, se localiza em Bonfim. O atendimento médico e odontológico é realizado em dias específicos da semana. Há um médico clínico geral, algumas enfermeiras e uma dentista.

3.1.2. População

Atualmente vivem na comunidade um total de 145 habitantes (dados recolhidos através de contagem em campo) (Figura 5), dentre os quais 24,8%

são crianças, 6,2% adolescentes, 61,4% adultos e 7,6% idosos.

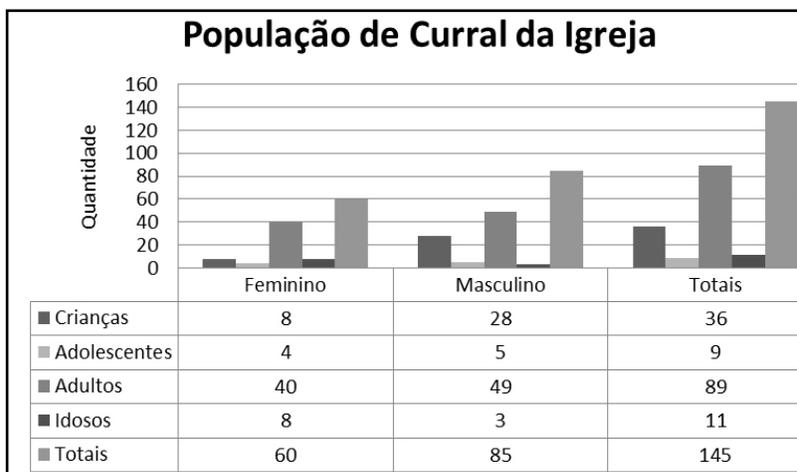


Figura 5. Distribuição etária da população de Curral da Igreja.
Nota. Dados recolhidos em campo.

Os residentes que trabalham na sede municipal de Arari compõem 6,2% da população local, ao passo que 17,9% precisam viajar sazonalmente para trabalhar- inclusive para outros estados. Os aposentados compõem 16,5% da população. A maioria das pessoas, 59,3%, não possui renda fixa, vivendo majoritariamente da pesca e de práticas agrícolas. Os salários, em média, não ultrapassam o triplo do salário mínimo e, na verdade, a maior parte da população não atinge o salário mínimo (954,00 Reais) (Figura 6).

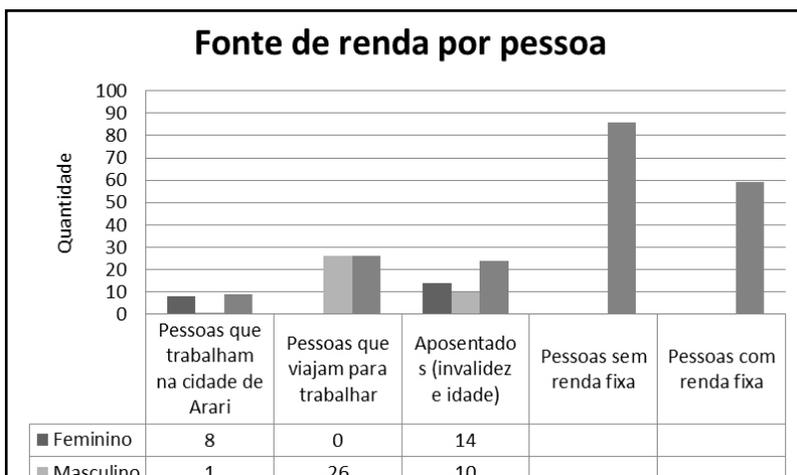


Figura 6. Detalhe da fonte de renda por pessoa.
Nota. Dados recolhidos em campo.

3.1.3. Economia e práticas agrícolas

A microrregião da Baixada Maranhense, como o nome sugere, é zona baixa resultante da posição intracratônica que favoreceu a estrutura geológica sedimentar, relacionada com regressões e transgressões marinhas (Atlas, 2002; Maranhão Geológico, 2011; Maranhão geomorfológico, 2011). Nos termos geomorfológicos, a baixada maranhense, se situa sob um modelado de acumulação de depósitos sedimentares do período Quaternário. A região é sujeita a inundações periódicas, a comportar lagoas fechadas ou incorporadas à rede de drenagem em grande parte do ano (Maranhão Geomorfológico, 2011).

Nesse contexto ambiental, Curral da Igreja se caracteriza por campos baixos, alagados por cerca de metade do ano, com presença de coqueiros, além dos mangues nas proximidades do rio Mearim. Assim, no período chuvoso (janeiro-junho), com a água sobre o terreno, há formação de plantas aquáticas (Figura 7) - o que requer maior atenção na criação de gado (atolamentos, afogamentos, etc.), ao passo que no período seco (julho-dezembro) ressurgem campos de pastagens (Figura 8).



Figura 7. Vista parcial do campo alagado, com formação de vegetação aquática, no período chuvoso (janeiro-junho).

Nota. Registro feito pelo autor.



Figura 8. Vista parcial do campo no período de seca (julho-dezembro), usado como pastagem para gado.

Nota. Registro feito pelo autor.

O clima da região é classificado como tropical com estação seca (clima Aw, segundo a classificação de Köppen-Geiger), a temperatura média anual de 27,4 °C (com pouca variação) e a precipitação anual é de 1.610 mm (Climate-data, 2017).

Assim, clima e relevo condicionam o plantio agrícola, dependente de roças temporárias. Nestas condições, geralmente, planta-se de tudo um pouco: milho, feijão, melância, abóbora, pepino, aipim, dentre outros, de acordo com um sistema de cultivo agrícola caracterizado por corte, queima e abandono (Tabela 1, Figura 9).



Figura 9. Vista parcial de área de cultivo agrícola, com etapa de brocagem concluída, no povoado Curral da Igreja.

Nota. Registro feito pelo autor.

Territórios rurais sub-integrados na economia agrária globalizada. Carboni Viana

Tabela 1

Detalhe dos métodos de cultivo agrícola empregados nas roças de Curral de Igreja

Método agrícola	Caracterização
Demarcação	Delimitação da área a ser utilizada.
Brocagem	Devastação de vegetação herbácea/ arbustiva com foice e facão.
Derrubada	Corte de árvores de maior porte com machado, após a brocagem.
Aceiramento	Limpeza em volta das áreas devastadas para evitar alastramento do fogo.
Queima	Controlada e realizada em toda a área delimitada após o aceiramento.
Encoivramento	Retirada dos gravetos carbonizados e limpeza do solo após o resfriamento da área queimada.
Cercamento	Cercamento da área para evitar entrada de animais indesejados na roça.
Plantio	Direto.
Colheita	Geralmente de baixa produção com modos não mecanizados
Capoeira	Após a colheita, a roça é abandonada e passa a ser alvo de engorda de animais/ rebanhos.

Nota. Dados recolhidos em trabalho de campo.

Toda atividade é manual, com uso de ferramentas rudimentares, o que associadamente aos solos originários de aluviões holocénicos concorre para baixa produtividade. É importante destacar aqui que a quantidade de roças no povoado tem diminuído- pela dificuldade de plantio, produtividade e colheita.



Figura 10. Vista parcial curral e rebanho de caprinos, em Curral da Igreja.

Nota. Registro feito pelo autor.

O pouco excedente da produção - quando há, é vendido ou trocado em forma de escambo na cidade ou em povoados vizinhos, locais de onde provêm outros gêneros alimentícios não produzidos na comunidade, como, por exemplo, a *farinha grossa*. A pecuária extensiva é representada por rebanhos de bovinos, bubalinos, caprinos e equinos, livres e geralmente num mesmo pasto, em áreas não habitadas. Cada família sabe quantos e quais são os seus animais (Figura 10). A criação de frangos, marrecos e patos ocorre próxima das residências, soltos em volta do terreiro e estrada.

Além dessas atividades camponesas (Figura 11), há também atividade de caça e coleta de frutas (acerola, tamarindo, manga, goiaba, etc.). Outras espécies bem aproveitadas são carnaúba e babaçu. A palmeira babaçu fornece matéria primeira para produção de óleo de cozinha e carvão- atividades pouco desenvolvidas no povoado. A carnaúba permite a manufatura de cera, fibras para confecção de vassouras, também pouco usual na comunidade de Curral da Igreja, com os troncos da carnaúba fazem-se mourões de cerca ou esteio para fundação de casas feitas de barro.

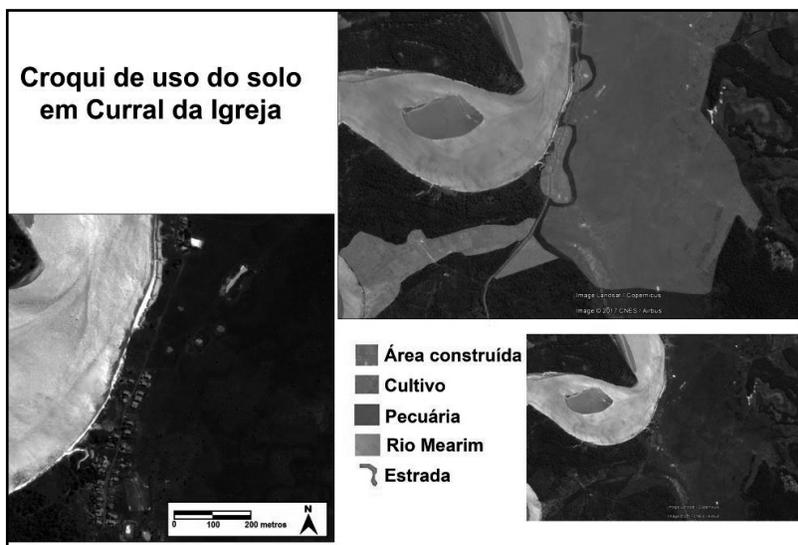


Figura 11. Detalhe de croqui das áreas de uso camponês, no povoado Curral da Igreja- cerca de 50 hectares.

Nota. Elaborado com base no Sistema de Informação Geográfica Google Earth (2016).

3.1.4. O Rio Mearim como extensão do território

O rio Mearim, o maior rio genuinamente maranhense e cuja bacia hidrográfica comporta importante rede de drenagem no estado, ocupa 17% do território estadual (Atlas, 2002). O rio Mearim (Figura 12) teve papel decisivo no desenvolvimento regional. Ocorreu, contudo, uma diminuição gradativa

Territórios rurais sub-integrados na economia agrária globalizada. Carboni Viana

da utilização do rio para transporte, devido à construção da estrada de ferro Carajás, destinada ao escoamento de produção da mineradora Vale, e à pavimentação da autoestrada BR-222 que liga o interior do estado à capital São Luís (Pires & Pereira, 1985).



Figura 12. Vista parcial do rio Mearim, a partir do povoado Curral da Igreja.
Nota. Registro feito pelo autor.

Atualmente, a maior parte das embarcações no rio Mearim tem como motivo a pesca, quase sempre de mera subsistência. Além desse papel, o rio tem outros, já que os habitantes de Curral da Igreja o utilizam como uma extensão de seu território, retirando do canal principal e seus igarapés⁸ afluentes, grande parte da fonte proteica que complementa a sua alimentação.

A disponibilidade de espécies de peixes, moluscos e crustáceos é dependente da época do ano, pois o oceano adentra a plataforma continental em mais de 100 quilômetros ao interior do continente (Atlas, 2002), salinizando a água e ocasionando um fenômeno definido como pororoca, com a entrada da maré oceânica, em determinadas horas do dia, o que pode ser observado em Curral da Igreja. Já no período chuvoso, a maior vazão do rio propicia variabilidade de peixes de água doce.

Em geral, há uma grande diversidade de espécies na atividade pesqueira: bagre, branquinha, bodó, camarão, carambanja, curimatã, jeju, pescada, piau, piranha, surubim, tamatá, traíra e viola, dentre outras várias

⁸ Igarapé são rios estreitos, pequenos canais entre ilhas ou entre ilhas e terra firme. Geralmente possuem pouca profundidade, por vezes escondido em meio à vegetação e, em alguns casos, são importante rede de drenagem no período chuvoso.

espécies de peixes, bem como de crustáceos, como, por exemplo, carangueiros e quelípodos (Bezerra, 2014).

Uma das táticas de pesca é caracterizada pelo barramento dos igarapés com redes, ou mesmo com madeira, para aprisionar os peixes nos pequenos espaços dos igarapés. Porém, comumente se pesca com redes, tarrafas e anzóis, diretamente no rio.

É importante dizer que esse rio vem sofrendo, paulatinamente, vários problemas de ordem ambiental, a iniciar pelo transporte do sedimento pelo oceano, que contribui para o assoreamento (Atlas, 2002), devastação de vegetação ciliar, além de receber esgoto doméstico- tanto da cidade quanto dos povoados em suas margens (Bezerra, 2014), retirada de água para controlar emissão de poeira em estradas, ou mesmo para fazer açudes. Outro problema grave é a retirada de água desse rio, por parte de grandes produtores, para cultivo de arroz irrigado em larga escala e posterior deságue da água contaminada com fertilizantes.

3.1.5. Água para consumo doméstico

A água para consumo doméstico era recolhida com baldes nos momentos de maré baixa, e colocada em tanques para decantar. Em 2013, o Governo Federal doou cisternas com capacidade de 16.000 litros para cada casa do povoado. Esses reservatórios são conectados aos telhados, por meio de calhas coletoras, e captam água de chuva. Método muito utilizado em regiões com períodos de estiagem, em que se procura acumular água do período chuvoso.

As famílias são orientadas a descartarem as águas provenientes das primeiras chuvas, que lavam os telhados do acúmulo de sujeira, e a ferverem ou a clorarem antes do consumo. No povoado há também um poço artesiano, a abastecer uma caixa d'água de 10.000 litros, porém a água é salobra, sendo utilizada apenas para fins domésticos (banho, limpeza, lavação de louças e roupas, etc.).

3.1.6. Artesanato e manifestações culturais

A produção de cestaria é ato marcante no povoado, essencialmente pelas pessoas com mais idade. Buscam palha nas folhas de palmáceas, como, por exemplo, na do babaçu. Com a palha fabricam cestos para carregar os mantimentos, esteiras, persianas para janelas, cortinas- também para cobrir as paredes quando a residência é feita de barro, e outros artesanatos (Figura 13).

As representações simbólicas estão relacionadas com a religião cristã, majoritariamente católica. Conforme relato da Senhora Raimunda Rodrigues (64 anos, moradora de Curral da Igreja) houve construção de uma capela, em 1987, em que se cultuavam São Benedito e Nossa Senhora de Fátima. A igreja católica atual foi construída no ano de 2000 (Figura 14), no mesmo lugar em que se situava a capela.



Figura 13. Vista de confecção de cestaria, por morador da comunidade (Senhor Marino Olegário Lopes, 64 anos).

Nota. Registro feito pelo autor.



Figura 14. Vista da igreja católica do povoado.

Nota. Registro feito pelo autor.

Os festejos de São Benedito, no mês de outubro, fortalecem os laços entre a comunidade e têm por ponto alto a procissão, com a imagem do santo a percorrer o povoado. Eventualmente são realizados os bailes de São Gonçalo. Nessas festas também são entoadas rezas e ladainhas, juntamente com música de *rebeca, violino e viola* (Bezerra, 2014).

Em junho, também há comemorações a São João, Santo António, São Paulo e São Marçal, num festejo chamado de Festa Junina. Em Abril, raramente, faz-se o festival da *Pororoca*, para comemorar o fenômeno que ocorre às margens do povoado.

Supertições e lendas fazem parte da vida das pessoas em Curral da Igreja. Dentre as mais evidentes, destacam-se: dar remédio de verme a crianças apenas em lua nova; se molhar um gato chove ao dia seguinte; não poder pentear os cabelos nem varrer a casa na sexta-feira que antecede a Páscoa; a chuva é enviada por São Pedro; prender laço vermelho em braço de criança para evitar mal-olhado e chinelo emborcado, sinal de morte certa.

No que diz respeito a lendas, alguns acontecimentos *sobrenaturais* são bem lembrados na memória coletiva da comunidade, como a procissão vista no campo em noites de chuva e as *tochas (literalmente bolas de fogo amarelo)* que perseguem quem viaja a pé sozinho em meio ao campo.

3.2. DISCUSSÃO - POR UMA GEOGRAFIA DO LOCAL

No caso, a abertura do mercado favoreceu as políticas de proteção ao sistema vigente, que prioriza a produção em larga escala e prejudica os pequenos produtores, com o processo de globalização a enfatizar a diferença, desfavorecendo os muitos que se incluem num sistema de campesinato.

Os contrastes podem ser chocantes. Por um lado, em Arari, existe a maior fazenda de arroz irrigado do estado do Maranhão, com cerca de 1.300 hectares, a utilizar maquinário pesado, com preparação sofisticada do solo e irrigação proveniente do rio Mearim, o que liberta a produção da dependência de fatores climáticos. Além disso, entre uma safra e outra, usam-se as canchas do arroz irrigado para piscicultura em larga escala⁹. Por outro, o povoado de Curral da Igreja, com menos de 50 hectares, sobrevive com recurso a técnicas rudimentares de plantio, condicionadas pela sazonalidade ambiental (período chuva-estiagem), do extrativismo e dos demais recursos mobilizáveis para sobrevivência, numa relação de proximidade com o rio Mearim (de onde se retira parte do alimento).

Diante de tal dificuldade para obtenção de alimentos via agricultura familiar, o alto índice de aposentados na comunidade, que parece contribuir para a estabilidade econômica, também é responsável pela diminuição do número de roças no povoado, já que os mais jovens saem para buscar trabalho,

⁹ Ver notícia veiculada em 16.09.2012 no site G1, da rede Globo de televisão, intitulada *Agricultores da cidade de Arari se preparam para o plantio do arroz, que retrata a produção de arroz e piscicultura em larga escala no município de Arari (G1-Maranhão, 2012)*.

Territórios rurais sub-integrados na economia agrária globalizada. Carboni Viana

quer na sede municipal, quer em outros estados da federação.

Em termos de moradia, antes a maioria das casas eram feitas em forma de adobe (barro, madeira e água) e cobertas com palha de palmeira, o que demonstra adaptabilidade ao ambiente, de certo modo hostil e a dependência de elementos existentes nas proximidades para construção de sua materialidade¹⁰. Depois dos anos 2000, com um pouco mais de renda, paulatinamente o barro foi substituído por tijolo, concreto e ferro.

As representações simbólicas na comunidade são os principais momentos de confraternização, que fortalecem laços sociais, onde a associação de moradores local tem um papel muito importante na autoafirmação, ao organizar festividades e outras demandas de interesse do povoado.

É evidente que Curral da Igreja, resistente ao sistema global, ficou relegado a medidas compensatórias, incluindo-se entre as mais notórias a inserção da eletricidade, financeiramente subsidiada pelo Estado, e a criação de sisternas para captação de água em 2013, a que acresce escola e centro de saúde, este último no povoado vizinho.

Há ainda programas assistencialistas do Governo brasileiro para os mais carentes, como, por exemplo, Bolsa Família e Bolsa Escola. E também um programa de moradias, mas em processo de avaliação desde 2015. Contudo, não há projetos para o desenvolvimento local, nem parece haver capacidade dos residentes para se integrarem nos processos de *modernização* ou de globalização, parecendo condenados ao assistencialismo do Estado (em crise e recuo) ou à migração.

Em uma extensa zona territorial marcada pela resistência, na qual a marginalização também perpassa pela ausência de registro documental, sendo um dos casos de populações que, ao não utilizarem a escrita na transmissão do saber, podem ter sua história relegada ao esquecimento com o passar do tempo (Zanettini, 1996; Zanettini, 2005; Souza, 2014).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A desigualdade e a pobreza coabitam com as condicionantes ambientais e com os conflitos, numa região assinalada por latifundiários oligarcas locais, concentração de terras e exploração humana. A realidade social da fome, a miséria, a pobreza, o egoísmo, o cinismo e a corrupção sublinham um mundo mais individualizado que dificulta a construção de laços de solidariedade coletiva.

Todavia, mesmo com a perversidade que se pode ter em muitos lugares e sobre muitas pessoas, no processo de globalização econômica, Curral da Igreja nos mostra que é possível viver em comunidade. Muito porque as decisões culturais num corpo social são sempre inerentes à percepção da

¹⁰ Aqui se usa o termo materialidade (categoricamente) como sinônimo ao termo cultura material, devido à ampla consideração relacional dessa noção no âmbito da vida social das pessoas e coisas, e por encabeçar direções favoráveis da mente e matéria como um mesmo organismo (ver Knappet, 2014).

diversidade de significados presentes, o que leva a considerar, como Milton Santos (2000), a possibilidade de se construir uma globalização diferenciada, humana, democrática, participativa e consciente.

Em Curral da Igreja, a vida abunda e escoo nos convívios estabelecidos entre o homem e o ambiente, entre pessoas e coisas, e na relação pessoa a pessoa, cujo fundamento se fixa na sociabilidade, a formar fios vitais que compõem os espaços sociais do povoado. A construção da identidade local, pelo que se pode avaliar, foi possibilitada a partir dos símbolos e significados estabelecidos pela vivência social comunitária. Em se tratando de elementos econômicos e sociais, o modelo globalizador imperou, de modo a reproduzir a dominação social- num país de desequilíbrios territoriais bem delineados e manifestos.

Nestes termos, o presente escrito teve a finalidade de mostrar como a vida acontece em Curral da Igreja, tendo em consideração os modos de vida configurados no local, ante a globalização que diferencia e fragmenta territórios, que inclui e exclui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos moradores de Curral da Igreja, por mostrarem-me outras formas de ler, interpretar e de se relacionar com o mundo. Em especial ao Senhor Marino Olegário Lopes Souza, à Senhora Raimunda Ribamar Rodrigues e à Monique de Jesus Rodrigues. Os agradecimentos se estendem ao amigo José Cleilson Fernandes (Assessor de Comunicação da Prefeitura Municipal de Arari).

REFERÊNCIAS

- Abramovay, R. (1998). O admirável mundo novo de Alexander Chayanov. *Revista Estudos Avançados*, 12. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141998000100006>
- Atlas do Maranhão. (2002). *Atlas do Estado do Maranhão*. São Luís: Gerências de Estado de Planejamento e Desenvolvimento Econômico – GEPLAN / Universidade Estadual do Maranhão.
- Batalha, J. F. (2002). *Navegadores do rio Mearim e os marítimos do Arari*. São Luís: Editora Lithograf.
- Batalha, J. F. (2011). *Um passeio pela história do Arari*. São Luís: Editora Lithograf.
- Bauman, Z. (2000). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- Bezerra, A. (2014). *Arari: espaço e sociedade*. Arari: Instituto Perone.
- Canedo, E. V. S. O. (2008). *Organização do espaço agrário maranhense até os anos 80: a distribuição de terra e atividades agrícolas (2ª ed.)*. São Luís: Gráfica e Editora Interativa.
- Climate-data. *Clima: água doce no Maranhão*. Recuperado de <https://>

Territórios rurais sub-integrados na economia agrária globalizada. Carboni Viana

pt.climate-data.org/location/43993/

- Copans, J. (1999). *Introdução à Etnologia e à Antropologia*. Lisboa: Publicações Europa-América-Coleção Saber.
- ESRI. (2011). *Sistema de Informação Geográfica. Versão ArcGIS Desktop Release 10*. Redlands, CA: Instituto de Pesquisa de Sistemas Ambientais.
- Fernandes, J. (2008). *Gente e coisas da minha terra*. São Luís: Editora Lithograf, 186 p.
- Fróis, K. P. (2004). Globalização e cultura: a identidade no mundo de iguais. *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*, (62). Recuperado de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1201>
- G1-Maranhão. (2012). *Agricultores da cidade de Arari se preparam para o plantio do arroz*. São Luís: G1-MA/ TV Mirante. Recuperado de <http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2012/09/agricultores-da-cidade-de-arari-se-preparam-para-o-plantio-do-arroz.html>
- Google Earth. (2016). *Sistema de Informação Geográfica. Versão Pro.Ink*. Estados Unidos: Google LLC.
- Guimarães, M. D. A. (2013). *Desenvolvimento Rural: territórios e redes* (Tese de Doutorado). Seropédica: Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, programa de pós-graduação em Ciências Sociais, Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade.
- Haesbaert, R. & Limonad, E. (2007). O território em tempos de Globalização. Etc, Espaço, Tempo e Crítica. *Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas e Outras Coisas*, 1(2). Recuperado de http://www.uff.br/etc/UPLOADS/etc%202007_2_4.pdf
- Haesbaert, R. (2010). *Regional-Global: dilemas da região e da regionalização na Geografia contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil.
- Hauresko, C. & Ferreira, E. R. (2012). A manutenção de práticas tradicionais e a adoção de inovações nas comunidades faxinalenses do Paraná. In: D. A. Oe O. Ferreira, D. A. de O. E. R Ferreira (Eds.), *Geografia e Território: interpretações do espaço brasileiro*. Rio Claro: IGCE/ UNESP- Pós-graduação em Geografia.
- IBGE. (2010). *Censo*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e estatística - IBGE. Recuperado de www.ibge.com.br.
- Império do Brasil. (1985). *Coleção das Leis do Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca da Câmara dos Deputados. Recuperado de <http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/18364>
- Knappet, C. (2014). Materiality in archaeological theory (4700-4708). In: C. Smith (Ed.), *Encyclopedia of Global Archaeology*. New York: Spinger.

- Lefébvre, H. (1992). *The Production of Space*. Oxford: Editora Basil Blackwell.
- Maranhão Geológico. (2011). *Mapa Pedológico do Maranhão*. Escala: 1:1.400.000. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE/ Coordenação de Recursos Naturais e Estudos Ambientais.
- Maranhão Geomorfológico. (2011). *Mapa Pedológico do Maranhão*. Escala: 1:1.400.000. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE/ Coordenação de Recursos Naturais e Estudos Ambientais.
- Marques, H. T. G. (2008). Porquê (e razões para) a mitificação do campo. *Comunicação apresentada no VII Colóquio Ibérico de Estudos Rurais - Cultura, Inovação e Território*, Coimbra.
- Oliveira, A. U. (2012). *A Mundialização da Agricultura brasileira. Anais do XII Colóquio Internacional de Geocrítica*. Bogotá.
- Panta, R. L. S. (2015). *O processo de monopolização do território pelo capital financeiro nos assentamentos rurais da reforma agrária em Sapé* (Tese de mestrado). João Pessoa, PB: Universidade Federal da Paraíba. Recuperado de http://www.ccen.ufpb.br/ppgg/contents/documentos/dissertacoes/romulo_panta.pdf
- Pedrosa, L. A. C. (2003). *A questão agrária no Maranhão*. Associação Brasileira de Direito Agrário. Recuperado de <http://abda.com.br/texto/LuisACPedrosa.pdf>
- Pires, M. J. P. & Pereira, M. S. (1985). *História e vida de Arari*. Arari: Departamento de Educação, Cultura e Lazer, 40 p.
- Rio Fernandes, J. A., Trigal, L. L. & Sposito, E. S. (2016). *Dicionário de Geografia Aplicada: terminologia da análise, do planejamento e da gestão do território*. Porto: Porto Editora.
- Santos, M. Sousa, M. A. A. de & Silveira, M. L. (1999). *Território: globalização e fragmentação* (4ª ed.). São Paulo: Editora Hucitec.
- Santos, R. H. (2008). *Aqui estou, aqui faço o meu lugar: um estudo sobre percepções e manejo do ambiente entre camponeses, na comunidade de Barra do Pacuí, município de Ibiaí-MG* (Tese de mestrado). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia.
- Silva, Í. A. (2006). Agricultura familiar, políticas públicas e participação social em Nova Friburgo- RJ. In *Anais do II Encontro de Grupos de Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia*. Uberlândia.
- Silva, S. F. & Leite, C. M. C. (2018). Etnogeografia Potiguar da Paraíba: reflexões sobre o ensino da Geografia em escolas indígenas. *Revista Okara - Geografia em Debate*, 12(1), 80-101. Recuperado de <http://www.okara.ufpb.br>
- Souza, A. F. G. (2013). *Ser, Estar, Permanecer: vínculos territoriais das gentes que povoam as margens e ilhas do Rio São Francisco* (Tese de doutorado).

Territórios rurais sub-integrados na economia agrária globalizada. Carboni Viana

Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia.

- Souza, O. T. & Brandenburg, A. (2010). A quem pertence o espaço rural? As mudanças na relação sociedade/natureza e o surgimento da dimensão pública do espaço rural. *Revista Ambiente & Sociedade*, 18(1), 51-64. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2010000100001.
- Souza, R. A. (2014). *Morar na caatinga: arqueologia do século XX no semiárido*. Laboratório Virtual de Arqueologia da Universidade de Campinas. Recuperado de <http://www.arqueologiapublicalap.blogspot.com.br/2014/02/morar-na-caatingaarqueologiadoseculo.html>
- Zanettini, P. E. (1996). Por uma arqueologia de Canudos e dos brasileiros iletrados. *Revista Canudos*, 167-171.
- Zanettini, P. E. (2005). *Maloqueiros e seus palácios de barro: o cotidiano doméstico na casa bandeirista* (Tese de Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo- USP, programa de pós-graduação em Arqueologia.

SOBRE O AUTOR

Willian Carboni Viana é Geógrafo, Mestre em Arqueologia, atualmente é estudante de doutoramento em Geografia no Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Porto, Portugal).

COMO CITAR

Viana, S. C. (2018). Territórios rurais sub-integrados na economia agrária globalizada: o povoado Curral da Igreja, Arari, Maranhão - Brasil. *Rev. cient. estud. investig.*, 7(1), 69-91. doi: 10.26885/rcei.7.1.69